

# Mecanismos de regulação narcísica no Rorschach (\*)

## Contribuição para o estudo da histeria

MONIQUE BOEKHOLT (\*\*)

### I — AJUSTAMENTO DOS MECANISMOS DE REGULAÇÃO NARCÍSCICA NO RORSCHACH

Por ocasião de uma jornada de estudos consagrados, em 1980, ao narcisismo e sua expressão através das técnicas projectivas<sup>(1)</sup>, F. Brelet<sup>(2)</sup> expunha o estado dos seus trabalhos sobre o T. A. T.

A pedido da Prof.<sup>a</sup> N. Rausch de Traubenbergl, colocámos os primeiros marcos de uma pesquisa a partir do Rorschach adoptando um enquadramento teórico comparável. A nossa atenção incidia, todavia, não sobre as «personalidades com traços narcísicos graves» (F. Brelet, 1981), mas sobre o papel teófico do narcisismo nos diversos campos psicopatológicos.

No plano teórico, baseámo-nos essencialmente nos trabalhos de O. Kernberg (1976), D. Widlocher (1978), G. Rosolato (1978) e B. Grunberger (1975) quanto ao narcisismo normal e patológico. A actividade mental narcísica é considerada como um regulador essencial em toda a configuração clínica; trata-se, segundo Rosolato (1978), do eixo «que estrutura o psiquismo em todas as etapas da vida e que marca tanto as psicoses [...] como o jogo sustentado pelo objecto fetiche [...] ou a dúvida e a onnipotência dos pensamentos da neurose obsessiva, ou, de uma maneira mais clara ainda, as personalidades narcísicas, enfim a actividade artística como modelo da criatividade...» (p. 173).

D. Winnicott (1961, 1962 e 1975) salientou a importância dos contributos narcísicos fundamentais na realização de uma imagem de si unitária, positivamente investida e conduzindo a uma relação objectal satisfatória. D. Widlocher (1978) exprime o mesmo ponto de vista; «o núcleo constitutivo do Eu é feito pela interiorização de uma certa imagem maternal de solicitude primária...»

D. Anzieu (1974 e 1976) afirma que o invólucro de si, cutâneo e sonoro, constitui uma barreira protectora no esboçar da unidade e da identidade.

(\*) Comunicação ao X Congresso Internacional de Rorschach, Washington, Setembro de 1981, in *Bulletin Société Fr. de Psychologie*, Junho de 1983.

(\*\*) Universidade de Paris V, UER Instituto de Psicologia, Grupo de Investigação em Psicologia Projectiva.

(1) Jornada de estudos organizada pela Sociedade Francesa de Rorschach e de Métodos Projectivos, 31 de Maio de 1980, Paris, «A propósito do narcisismo — ligação das técnicas projectivas».

(2) «O narcisismo através do T. A. T.», comunicação apresentada em 31 de Maio de 1980.

Apoiando-nos nos trabalhos de R. Schafer (1948 e 1954) e nos da escola psicanalítica americana, adoptámos a hipótese segundo a qual o Rorschach constitui um instrumento pertinente de investigação do narcisismo, e formulámo-la assim:

— O Rorschach permite delimitar alguns aspectos do funcionamento narcísico.

— Esta delimitação tornou-se possível por meio de uma análise estrutural do narcisismo: a proposta por G. Rosolato (1978) apresenta um valor heurístico pela diferenciação de cinco correntes:

- a retracção libidinal
- a idealização
- o desdobramento
- o duplo entrave
- a oscilação metafórico-metonímica.

Apenas retivemos, para este estudo, as três primeiras, delimitáveis em todas as configurações clínicas.

— O par indissociável narcisismo-imagem de si vai, no Rorschach, ao encontro das noções de representação de si, de identidade e de identificação evidenciadas por M. F. Boizou, C. Chabert e N. Rausch de Traubenberg (1978).

— A partir do confronto dos trabalhos citados, postulámos que, no Rorschach, imagens de si fluidas, incoerentes, ligadas a uma ausência de acesso ou à não manutenção da identidade, supõem uma perturbação maior da actividade mental narcísica. Em contrapartida, imagens inteiras, de contorno bem delimitado, estáveis, e, além disso, sexualmente diferenciadas, implicam um auto-vestimento satisfatório. O narcisismo positivo, satisfeito, construtor do Eu é aquele de que não se fala! O que se traduz pela presença de respostas identificáveis cujo testemunho preferencial são conteúdos humanos bem estabelecidos numa relação objectal abordada e investida.

— Situam-se entre estas duas posições extremas todas as flutuações intermediárias,

clínicamente mais frequentes, marcando uma falha momentânea ou mais duradoura na coesão interna. De acordo com os termos de Stolorow citado por Rosolato (1978), «a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a coloração afectiva positiva da representação de si» (p. 148) inerentes à actividade mental narcísica, podem encontrar-se postas em causa. Estas flutuações na coesão estrutural, que vêm compensar os mecanismos reguladores narcísicos, ler-se-ão no Rorschach em função

- da própria natureza das identificações constituídas;
- do nível da relação objectal estabelecida;
- da qualidade da representação de si, expressa tanto no conteúdo das imagens, como na sua verbalização.

Em suma, tentaremos captar:

- os sectores de investimento (líbido objectal e narcísica);
- as oscilações entre estes investimentos;
- a qualidade destes em termos de coloração afectiva;
- o modo de funcionamento defensivo dominante, no qual participa o narcisismo.

Este estudo preliminar foi realizado a partir de uma vintena de protocolos «típicos» de organizações respectivamente obsessivas, histéricas, paranóicas e esquizofrénicas.

#### 1. *A retracção libidinal: Narciso repele o eco*

A forma como a líbido se desvia do objecto, preservando, no entanto, a coesão interna até ao último bastião do recolhimento integral autístico, encontra diferentes níveis de expressão no Rorschach. Diferentemente das formas integrais de retracção, de ex-

pressão mais comportamental que verbalizada, o desinteresse pelo mundo exterior com centralização sobre si pode concretizar-se:

— *ao nível do modo de apreensão*

- pela irrupção de pequenos detalhes insólitos, mais relacionados com a problemática do que com os estímulos;
- por recortes inabituais dificilmente perceptíveis;
- inversamente, por uma abordagem globalizante conduzida apenas pela lógica autística, por vezes a partir de um detalhe bem visto;
- o corolário *ao nível do determinante* é, bem entendido, uma percepção formal ou quinestésica muitas vezes inadequada;
- *no plano dos conteúdos*, a contração sobre si e sobre o próprio corpo exprime-se no Rorschach:
- pela frequência das *respostas anatómicas* (bacia, tórax, pulmões, rádio, vértebras...). Isto não deve surpreender-nos pois sabe-se que Freud (1914) apresentava o narcisismo pelo estudo da hipocondria e da doença orgânica. Para que o deslocamento da libido do objecto para o eu corporal conserve o seu *valor trófico*, é, todavia, indispensável que os conteúdos anatómicos não remetam para fantasmas fragmentadores;
- pela insistência no *eixo simetria* como referente corporal na sua verticalidade e na sua constância: «de qualquer modo, o eixo de simetria é vertical»;
- por respostas que simbolizam o *corpo*, tais como os conteúdos «árvore», «casa», «arquitectura»; receptáculos ou edifícios... figuram igualmente neste registo;

— atenção a todos os *movimentos de respostas*, que vão do objectal bem percebido ao próprio corpo através de sequências como, por exemplo, «uma borboleta, uma coluna vertebral» no cartão I. Neste caso, a adesão momentânea ao objecto banal não é mantida.

Alguns protocolos serão marcados por constantes movimentos de vai-vem entre si e o mundo exterior, à imagem de uma tentativa de auto-restauração custosa. Outros, pelo contrário, verão na retracção momentânea a fonte de energia nova e construtiva. Põe-se, então, o problema do fechar-se sobre si regressivo, suscitado pelas cores pastel e, em particular, pelo *cartão IX* quando este evoca fantasias ou fantasmas de retorno ao seio materno, próximas do narcisismo dito «primário». Por vezes parece difícil fazer a distinção entre o que é receptividade ao meio exterior e o que é retracção numa procura de conforto fetal livre das agressões exteriores. Eis um exemplo em que as sensações cromáticas e tácteis se misturam e se fundem: «no mais fundo da terra, uma espécie de gruta, isto jorraria por todo o lado, a impressão de quase me encontrar, uma água funda até aqui, a gruta começaria ali, o rosa incomoda-me um pouco, este verde é de uma humidade incrível, a luminosidade do conjunto é... faz mal aos olhos».

— A par destes modos de expressão simbolizando o corpo materno («grutas», «buracos», «poços», «cavernas», «vasos» ou outros receptáculos), a retracção da libido objectal pode exprimir-se mais cruamente: «um ventre», «o útero», «um feto», «dois macaquinhos no ventre da mamã».

— G. Rosolato (1978) liga a retracção libidinal a diferentes *procedimentos defensivos* como o isolamento obsessivo e a rejeição:

— A identificação do *isolamento* no Rorschach faz-se facilmente depois

dos trabalhos de R. Schafer (1954), dos quais N. Rausch de Traubenberg e M. F. Boizou (1976) recordam o essencial. A contribuição deste medo defensivo para a economia narcísica só pode, certamente, ser apreciada no contexto dos protocolos.

— A *rejeição* do mundo exterior reveste formas diferentes, desde o esquecimento devido ao recalçamento até à forclusão que assinalaria a psicose. No Rorschach, numerosas observações críticas do material demonstram esta abordagem projectiva que tende a *preservar um auto-investimento suficiente*. As manchas apresentadas são «feias», «não são bonitas», «não estão acabadas», «falta...» «demasiado...», «não são suficientemente...», «isto não é rigorosamente simétrico»; as recusas justificam-se pela ausência de estruturação do desenho: «isto não se assemelha absolutamente a nada», «é Picasso», «é uma macacada».

## 2. A idealização

Podemos tentar captar a interiorização das exigências externas a partir de *imagens idealizadas* mais ou menos conformes à *representação de si*, mais ou menos conscientes, ou claramente fantasmáticas, como na caricatura a que nos conduzem as intervenções de um Eu Ideal paranóico.

Essa idealização pode ser facilmente identificada no Rorschach:

- na natureza das imagens que exprimem o exagero através dos conteúdos humanos, animais ou de objecto;
- na sua verbalização que afirma, sem gradação, o saber, a dominação, o poder;

— naqueles modos de apreensão a que chamamos «totalitários», onde a globalização visa o controlo sem deixar nada ao acaso, arriscando introduzir racionalizações arbitrárias.

A onipotência do pensamento vem aumentar desmesuradamente a auto-estima sob pena de ver ressurgir uma ferida intolerável. Ser tudo ou nada, aumentado ou alterado, ou, mais exactamente, dispor dos instrumentos da onipotência, dos sinais exteriores desta; ou encontrar-se nu, desarmado, terrivelmente vulnerável — são expressões do desnível, quer dizer, do fosso entre o Eu Ideal e a representação de si.

Consciente ou ignorada, a confrontação entre o Eu Ideal ou o Ideal do Eu dá a medida de uma fossilidade compensatória ainda que precária, ainda que ilusória ou absurda, de uma imagem de si enfraquecida — um exemplo no cartão VII: «... o branco interior representa, para mim, a vida. É um chapéu de metal, de pedrarias; poder-se-ia ver três chapéus, a parte inferior seria a de um conde, por exemplo, a parte intermédia a de um duque e a parte superior a de um príncipe».

Mais discreto, menos fantasmático, aproximando-se mais dos ideais do Eu, o carácter compensatório da imagem valorizadora a atingir subsiste nas organizações neuróticas: «lobo muito inteligente» (exemplo do cartão I).

A ligação mais conforme com a realidade explica, sem dúvida, o recurso às imagens animais e à escolha de um bestiário poderoso e valorizado, como o leão, o tigre, o lobo..., vindo compensar imagens identificadoras enfraquecidas.

Com efeito, muitos protocolos neuróticos impressionam pela *deficiência na representação ideal de si*. O desnível entre a interiorização das exigências superegóicas e o menosprezo da imagem de si de maneira por vezes dolorosa: «eu devo dar uma impressão desgraçada, tenho mesmo uma

certa dificuldade de imaginação». Noutros procedimentos neuróticos, a depreciação da imagem de si pode ser mascarada pelo recalcamento: «não vejo, não sei».

Convém igualmente mencionar a frequente utilização dos conteúdos florais no sentido de restaurar, quer uma identificação precária, quer a integridade corporal, segundo os contextos dos protocolos.

Um outro ponto, relativo à idealização descrita por diferentes autores, merece ser sublinhado: G. Rosolato (1978) descreve um *narcisismo do negativo*, H. Rosenfeld (1976) evoca os *aspectos destrutivos do narcisismo* onde a idealização tem um papel central. A forma como a pulsão de morte entra no campo de determinados processos ideais pode encontrar, nos testes projectivos, uma via de expressão tanto mais útil de delimitar quanto ela permanece, por vezes, dissimulada clinicamente. Os quadros psicopatológicos podem ser muito diferentes: desde o orgasmo extático ligado às condutas aditivas, à violência das pulsões destrutivas das organizações limites, até à desintração pulsional portadora da morte real de determinados funcionamentos psicóticos.

O manejo da cor no Rorschach, associado ao conteúdo das respostas, é, deste ponto de vista, muitas vezes revelador; estamos a pensar, em primeiro lugar, no testemunho constituído pelo cartão II, e, claro, também no desenrolar da problemática da agressividade através da sucessão dos cartões que permite precisar a sua natureza, direcção e intensidade.

### 3. O desdobramento

O «duplo» e a imagem especular descritos por Rank (1914) e Lacan (1949) encontram, no Rorschach, um terreno de expressão privilegiada pelo facto de a própria estrutura do material simetricamente construído em torno de um eixo central favorecer a alternância perceptiva e projectiva entre a unidade e a dualidade.

Rosolato (1978) insiste na bipolaridade do desdobramento — por um lado no seu papel constitutivo da imagem do corpo e no estabelecimento do Eu, e, por outro, no «pavor perante um confronto com o semelhante ameaçador da unicidade».

A possibilidade de se reconhecer no semelhante assume, no Rorschach, em certos contextos, *uma cambiante positiva de diferenciação* entre o interior e o exterior, a actividade e a passividade. É o caso de numerosos protocolos de crianças e de adolescentes em que o eixo de simetria é utilizado como um espelho em relação ao qual uma metade do cartão reflecte a outra — por exemplo: «é um elefante e ali também um elefante», «um lobo... a sua imagem reflecte-se na água», «uma paisagem que se reflecte na água», «uma mulher que se olha num espelho», etc. Através destas respostas, lê-se uma dificuldade relacional actual, claro, mas que traduz também uma procura positiva da imagem de si e um processo activo de individualização.

Em compensação, este processo pode revelar a existência de uma *vivência depressiva profunda*, caracterizada pelo disfuncionamento narcísico, como nos exemplos seguintes: «um coelho com olhos vermelhos, orelhas curtas, que se reflecte na água e as orelhas um pouco fatigadas» (cartão II); «uma borboleta que se reflecte na água, que caiu na água» (cartão V).

Outros testemunhos da *polaridade desorganizadora* da imagem especular são-nos fornecidos, no Rorschach, por engramas humanos ou animais que evocam um mundo congelado que, à custa disso, conserva a sua coesão. O acento não é posto na troca, mas num detalhe corporal, numa atitude, fazendo lembrar, nesse ponto, um modo de expressão comparável aos testes temáticos: «penteados de maneira muito bizarra», «por causa do pescoço comprido», «o ar embasbacado», «o ar muito embrutecido, beato, o ar de bocejar, de idiota», «o ar de dançar», «atitude de dançarinas japonesas

levantando a perna esquerda», «dois homens bochechudos», «elas têm poses grotescas».

A actividade dos dois personagens é a mesma, é simétrica. As duas imagens são sobreponíveis pela aparência, olham-se e assemelham-se. A identidade é preservada, apesar do carácter arbitrário da sobrevalorização do detalhe.

Nestes contextos, a imagem do outro colocada como um duplo de si dá conta da considerável dificuldade em abordar uma dimensão objectal. No limite, o Si e o outro intermutáveis confundem-se: «pessoas iguais», «um urso, aqui é o mesmo». A *proximidade de registo fusional* aparece nos termos «ligados», «fixados», «juntos», que ligam as imagens entre si.

Este registo fusional é ainda mais explícito através da verbalização «gémeos», «irmãs», «siameses», «pessoas dadas»..., classicamente observada no campo psicótico. Pode ver-se, contudo, neste arranjo narcísico relativo, um sinal de luta contra os atentados à unicidade que prefiguram as cisões fragmentadoras.

## II — APLICAÇÃO: OS MECANISMOS DE REGULAÇÃO NARCÍSICA NA HISTERIA

Frequentemente confrontados, na prática clínica, com a complexidade e a gravidade de certos quadros histéricos, com o autêntico drama colocado pelos impasses de identificação e com as dificuldades por vezes suscitadas pelo diagnóstico limítrofe do funcionamento neurótico e psicótico, interrogamo-nos se, apesar da diversidade ao nível sintomatológico — que vai do retraimento depressivo e suicida ao teatralismo exacerbado, passando pelas diversas somatizações — não existem, por detrás do «pan-sexualismo» histórico, pontos de fragilidade comuns a estes diferentes processos de funcionamento mental.

Masud Khan (1974) escreve: «neste caso,

a minha hipótese será que o histórico, aquando dos primeiros anos da sua infância, responde à carência de uma relação de 'maternage' suficientemente boa através de um desenvolvimento sexual precoce. As primeiras angústias e os primeiros afectos suscitados pela falta de um meio de apoio ('holding') apropriado e a ameaça daí resultante para a coesão do eu nascente são conjurados pela intensificação, bem como pela exploração, dos aparelhos sexuais do eu-corpo...».

Fazemos nossa esta hipótese e propomos observar a histeria através das modalidades de regulação narcísica estudadas por meio do Rorschach passado a uma quinzena de mulheres que apresentam uma problemática histórica caracterizada por:

- distúrbios de identificação
- erotização das situações e importância do simbolismo fálico
- dificuldades no manejo da agressividade
- afloramento de níveis regressivos com uma grande participação da oralidade
- labilidade afectiva apesar de uma fachada por vezes de aparência rígida, resultante, de facto, do recalçamento.

### 1. *Insucessos e paradoxos da idealização*

«No seu narcisismo fálico, o histórico permanece tributário dos mecanismos de identificação imaginários, elaborados para abordar, sem a resolver, a questão da diferença de sexos», afirma F. Perrier (1980).

Podemos ler, mais adiante: «A mulher histórica, na sua ofensiva verbalista, permanece (assim) numa dupla insatisfação. Pela sua posição fálica, apenas se refere a um ideal do Eu masculino para verificar a carência deste no seu progenitor. (...) No que respeita ao Eu ideal homossexualizado, ela situa-se na sua mãe edipiana como uma mulher regressiva que desvaloriza o modelo

da feminilidade que deveria ter incarnado. (...) Assim se descobre, de acordo com a teoria freudiana, o fantasma bissexuado histérico...»

“ A problemática identificatória e a ligação às imagens parentais que ressaltam no Rorschach reproduzem, de bastante perto, o ponto de vista do autor. Com efeito, em todos os protocolos estudados, apesar de serem de feições diferentes, verifica-se que

*a polaridade feminina nunca é investida na sua dimensão sexuada.*

- Isto traduz-se, ao nível das imagens, pela *ausência de representações femininas directas e valorizadas* numa relação objectal satisfatória (caricaturas, marionetes, ausência de K feminino, «seres» sexualmente indeterminados), pelo retorno ao mundo assexuado da infância (meninas, crianças, amas, pequenas amas amiguinhas, pequenos animais encantadores, cavalinhos de madeira, carrocéis, pequenos duendes divertidos, animais de peluche, etc.).
- Pela importância atribuída, em contrapartida, aos *atributos que designam a feminilidade* sem a deixar transparecer: atributos de vestuário com carácter sexual subjacente (*soutien*, fato de banho, cuecas, vestido, capa, casinha...), ao embelezamento e aos adornos cuja função narcísica é evidente (jóias, colar), à valorização arbitrária do objecto pela utilização de adjetivos e superlativos.
- Pelas *representações sexuais femininas mais ou menos simbólicas* (fenda do sexo feminino, íris rasgada), insatisfatórias pela sua abertura (fenda, buraco, poço), agressivas, maltratadas (rasgada, rebentada, esquartejada), associadas a fantasmas de agressão e de violação.
- Pelas *imagens florais restauradoras do eterno feminino* que permanecem, a maioria das vezes, associadas à neutra-

lidade infantil (florzinhas primaveris bonitas), ou à ambiguidade das identificações (íris, orquídea).

- Pelas *referências maternas pouco gratificantes, senão mesmo frustrantes* numa relação de oralidade que encontra a sua expressão no cartão VII («isto faz-me pensar em guisado de coelho, tendo vontade de o comer»), perceptível na utilização de determinadas estampagens de textura, em termos de avidez afectiva, e também na atitude passivo-receptiva ligada a certos conteúdos e ao próprio modo de apreensão do estímulo.

#### *A atracção e o logro da identificação viril*

A frequência com que o cartão III suscita representações masculinas é realmente notória, bem como a presença de *atributos fálicos*, chapéus, carapichos, plumas, caudas, rabos de cavalo, etc., nos cartões III e VII.

Destaca-se também, de forma muito significativa, o preenchimento dos Db1 no cartão II, por um simbolismo fálico através de um conteúdo objecto ou animal, o recurso ainda ao falismo idealizado, no cartão VI ou, por vezes, no V, a valorização da potência nobre no cartão IV, a transparência sexual de certos engramas, tanto mais clara quanto menos rigoroso é o recalca-

mento. Pode também considerar-se que a *desvalorização da sua própria imagem* contida na verbalização da maioria dos protocolos, veiculada em termos de incompetência e de impotência, remete, neste contexto, para o doloroso sentimento de não ser, de modo nenhum, provida do falo.

Os exemplos abundam: «não consigo», «nunca consigo ver nada», «é difícil», «não vou ser capaz de me explicar», «tenho a impressão que dou respostas

idiotas», «se tivesse de o desenhar, não seria capaz», «não sei», etc.

Mas, ao mesmo tempo que se exalta a grandeza e a força do falismo, o carácter repugnante, perigoso, destruidor da potência viril suprime toda a esperança de uma identificação masculina. No cartão III, os homens podem ser negros, caso não sejam antropófagos ou membros da Ku Klux Klan; no cartão IV: «é feio», «mete medo», «o homem é horrível, informe, disforme», «a força nas pernas que esmaga», gigante terrível, objecto de escolha negativo.

### *A bissexualidade*

Deste modo, a escolha histórica não se coloca em termos identificatórios, isto é, de ser uma mulher, de ser um homem, mas em termos de «possessão fálica» susceptível de suprir a abertura feminina. Este recurso aos atributos fálicos bem investidos, que se juntam às representações femininas, estas desvalorizadas, permite uma relativa sustentação da imagem de Si, profundamente defeituosa: raparigas, mulheres «com» um elemento fálico nos cartões III e VII, mulheres dotadas de um poder sobrenatural e malévolo, bruxas, no cartão I..., sucessão de personagens ambíguos, por detrás dos quais se perfilam os traços de um Eu ideal, simultaneamente masculino e feminino, cuja expressão directa permanece, a maioria das vezes, dissimulada pelo recalçamento.

### *A idealização do negativo*

Esta afigura-se uma dimensão não negligencial da regulação narcísica na mulher histórica, para quem a sedução, quer dizer, a fascinação da morte constitui o último recurso para manter uma

imagem de si unitária e glorificada: «orquídea negra ligada à morte», «papagaio de papel macabro», «flor aquática a morrer», «esqueletos»...

Talvez possamos também compreender como resultando da idealização do negativo a petrificação, a coisificação de certas referências identificatórias contidas nos termos «congelado», «desenhado», «baixo-relevo», «boneca», «marionete»... A tonalidade disfórica, depressiva, mesmo dramática que colora inúmeros protocolos e se associa clinicamente às condutas suicidas insere-se, por vezes, nesta óptica, tal como a extrema pobreza própria de muitos quadros históricos, em que o recalçamento se tingem de um verdadeiro estado deficitário, uma espécie de morte psíquica, de cuja finalidade protectora nos interrogamos constantemente.

## *2. Valorização do retraimento libidinal*

### *O refúgio no «Eu-corpo»*

Esta dimensão é, sem dúvida, a mais notória. Comum a todos os protocolos históricos, como que para marcar a sua autenticidade, a exploração do Eu-corpo, para retomar esta expressão utilizada, nomeadamente, por Masud Khan, intervém no Rorschach na sua valência sexual, num movimento de alternância entre os investimentos objectais e a «autocura» que constitui o investimento para o corpo cuja sexualização transparece sempre. Daqui as inúmeras «bacias», qualquer que seja o cartão, rins, partes inferiores do corpo sob a forma de esqueleto, radiografias, e, mais directamente, a visão de órgãos genitais cujo recalçamento torna a formulação mais ou menos metafórica. A função trófica do retraimento em direcção às zonas corporais implica seguramente a integridade destas, que os adjectivos «despojado», «partido», «irre-

parável», «esquartejado», «explodido», etc., não seriam capazes de reflectir como nas polaridades psicóticas da histeria.

A eficácia desse movimento narcísico mede-se, pois, *pela integridade da resposta corporal*; uma resposta corporal global ou bem delimitada comportando uma carga moderada de angústia pode servir de trampolim para o reinvestimento da relação de objecto com a ajuda do recalçamento ou da isolamento das representações penosas. Ex.: «um esquema de corpo humano como na escola», «desenho de ciências naturais», «corte médico».

Eis alguns exemplos de sequências de resposta que testemunham a passagem da esfera objectal à centração no corpo próprio: «morcego-barata-rádio», «animal como uma hiena — cabeça de rã — coluna vertebral interrompida», «folha de acanto cinzelado — rato esquartejado», etc.

### *O lugar da regressão*

Não poderíamos evocar a protecção contra solicitações exteriores conflituais sem abordar o problema da regressão, grandemente discutida noutras ocasiões (e particularmente aquando do 28.º Congresso da I. P. A. — Associação Psicanalítica Internacional) porque são raros, na nossa população, os protocolos de Rorschach em que esta dimensão não figura.

Mas quanto mais abundam os testemunhos de oralidade na relação de objecto, menos frequentes se mostram as referências à analidade.

*Do ponto de vista da analidade*, podemos citar alguns exemplos do cartão VI, em relação quer com a erotização destas zonas, definidas mais pela sua não-genitalidade do que pelo investimento anal propriamente dito, quer pelo recuo ou pelo horror inspirados por uma sexualidade genital suja e deprimente: «o cinzento evoca a poeira, isto parece um pouco sujo», «sempre igual, como as outras, feio e é tudo, não sei, um

termómetro», «um pássaro que deixa traços negros atrás dele».

É, talvez, oportuno mencionar igualmente os aspectos particulares da problemática histerica ao nível da *agressividade*, a erotização da agressão «uma íris, sim rasgada por prazer», e a impossibilidade de manter uma posição agressiva imediatamente transformada em depressão e/ou dirigida contra o corpo próprio.

Mas, mais ainda do que o recurso a soluções regressivas, é sobretudo *a carência de constituição de uma etapa anal construtiva* que se nos afigura digna de realce, e que se caracteriza pela labilidade segundo a qual as imagens, as identificações, os objectos de amor sucessivos, desfilam, traduzindo uma espécie de vacuidade por insuficiência de retenção, a incapacidade de controlar e conter um detalhe.

Ilustrativo desta falta de «analidade» é a resposta confabulatória histerica DG, construída por uma extensão sem controlo da resposta inicial e reunindo arbitrariamente a parte ao todo, ou a confabulação na sucessão das respostas:

«pássaro saindo de trás de uma nuvem»  
«como um pássaro que deixa pretos atrás de si para se esconder como um submarino, isto vai muito depressa».

Uma outra ilustração desta falta de controlo conduzindo, por vezes, a uma verdadeira confusão entre o espaço interno e o espaço externo, pode ser dada por referências pessoais, tais como:

«uma pessoa que esconde os olhos...  
[é como eu...]  
«isto faz-me pensar na minha mãe».

### *Regressão oral e relação com a imagem materna*

Tem sido frequentemente descrita a importância da independência e da passividade

na mulher histérica, relativamente à sua própria mãe, e é verdade que encontrámos, nos nossos protocolos, uma frequente transposição deste tipo de relação, através do próprio contacto estabelecido aquando da passagem do teste, da apreensão das manchas em G passivos receptivos, da tendência para a regressão a partir do cartão VII.

— No entanto, parece que, muitas vezes, o tipo de relação evocado no fim do teste remete de forma nostálgica para um estadio anterior à constituição da noção de objecto, espécie de *universo indiferenciado e fusional*, mundo de imagens fluidas e aquáticas dos cartões pastel, excluindo o objectal. Exemplos: «o mar, por causa da cor azul», «cores marinhas, cores muito maternais», no cartão VII; «... água, verde pálida, cheio de água, uma espécie de tanque, o relevo do verde ao lado», no cartão IX; «animais alimentados por simbiose», no cartão X — aos quais poderíamos juntar a valorização do sensorial difuso associado, por vezes, a conteúdos vegetais passivos, e também determinados buracos e grutas nos cartões II e IX.

— Um segundo nível, mais elaborado, que se refere ao *objecto transitivo* é perceptível na insistência sobre os esbatimentos tácteis, nomeadamente com conteúdo de «pele», «é macio, flexível, confortável...», na frequência de respostas brinquedos, crianças, animais de peluche, ursos, etc., principalmente no cartão VII.

Vista sob este prisma, a ligação à imagem material representa uma relação profundamente regressiva, abismo de insatisfação e de nostalgia que o recurso ao retraimento apenas restaura de forma imperfeita. A ávida procura de um complemento e de um tutor de uma imagem de si pouco satisfatória e incompleta permanece.

— *Do aspecto do oral activo*, já mencionámos, a propósito da ausência de referências identificatórias, a avidez e as condutas de devoração insaciável, a agressividade que reproduz a fábula do Capuchinho Verme-

lho, com os cortejos, no Rorschach, de lobos maus, hienas, antropófagos (I, III, VIII).

Mas a destruição subentendida do objecto raramente é «consumada» e a coesão do eu permanece preservada na diferença de protocolos em que se produz não um retraimento, mas uma verdadeira rotura; exemplo na prancha VII, «uns queixais», numa relação desorganizadora com a imagem materna.

### 3. *Relação de objecto e desdobramento*

Na verdade, o problema do desdobramento na histeria coloca-se, em primeiro lugar, no *contexto das franjas psicóticas* com a oscilação característica entre unidade e dualidade, com o afloramento dos «estados segundos» que a literatura muitas vezes explorou, com a frequência dos «Gêmeos», «Siameses», «Gêmeas» no Rorschach.

Eis alguns exemplos extraídos de um protocolo em que a problemática histérica se encontra submergida por preocupações consideráveis de identidade: «isto assemelha-se sempre aos meus macacos, duas gêmeas que estão emparelhadas, que estão ligadas por ali (...), ou duas filhotes»; «são dois ursinhos que trepam a uma árvore (...), ele está no ventre da mamã, portanto é o seu púbis, dois macacos no ventre da mamã».

Mas parece que, para além destes registos eminentemente patológicos e por referência à dialéctica mãe-filha, encontramos os traços do especular na própria procura da imagem maternal e daquilo a que Winnicott chama «o seu papel de espelho» no desenvolvimento da criança. É, sem dúvida, nesta perspectiva de pesquisa ilusória que se inscreve, na rapariga histérica, um aspecto dos processos *homossexuados* que visam restabelecer, através de figuras substitutivas, o modelo maternal.

No Rorschach é, bem entendido, o aspecto identificatório com a imagem materna que permite apreender a complexidade das

relações de objectos homossexuados, na sua articulação entre a procura de um eu íntegro e o medo inspirado pela sexualidade genital adulta. Embate-se, assim, contra a impossibilidade de instalar o modelo maternal pelo qual o eu teria podido edificar-se, e a falta de um remete simetricamente para a lacuna do outro. A imagem materna e a imagem de si sobrepõem-se pela sua abertura, que forja, ao mesmo tempo, a diferenciação da identidade e a sua confusão, o acesso à individualização e a manutenção na fusão:

«quando duas pessoas não se entendem,  
[a discórdia (...),  
casal que procura unir-se, mas não  
consegue» (cartão III);  
«há uma divisão (...), tem-se a impres-  
são que estão colados sobre a sua coisa,  
[que não podem...]» (cartão VII);  
«um pássaro em voo, duas cabeças  
de pássaros» (cartão V);  
«dois personagens que dançam (...),  
[de qualquer das formas,  
são os mesmos dois» (cartão VII).

### CONCLUSÃO

Estudada no Rorschach sob o ângulo do narcisismo, em função do retraimento, da idealização e do «desdobramento», a personalidade histérica apresenta-se sempre aquilo que não é, naquilo que lhe falta e que a torna pouco digna de estima, apesar da importância das operações narcísicas implicadas de forma dispendiosa, sem restaurar uma imagem de si positiva.

O Eu fálido íntegro confronta-se inevitavelmente com as realidades anatómicas, a menos que a compensação por um Eu Ideal dotado não assegure esta homeostase precária e contraditória, pela qual a labilidade histérica penderá para vertentes rígidas e megalómanas que o fantasma da bissexualidade sustenta.

Ainda que certos protocolos utilizem, de forma mais eficaz do que outros, o narcisismo fálico, em relação com as possibilidades de recalçamento e de sublimação, ou erotização do corpo, o vestígio dos níveis edipianos não é, de modo nenhum, evidente. A imagem de si, momentaneamente investida e idealizada, encontra-se constantemente confrontada com o risco depressivo e suicida, nas regressões e desnivelamentos suscitados pelo ressurgimento de uma imagem maternal não fornecedora de segurança, cujo espelho reenvia, como em eco, a sua própria abertura.

A precaridade da homeostase narcísica surge, assim, no próprio cerne da histeria, apesar da diversificação sintomatológica que faz com que, na prática clínica quotidiana, por detrás de uma psicose ambígua, se procure a histeria, e através da erotização histérica se procurem os traços da psicose.

A diferença será mais económica do que estrutural?

Em todo o caso, parece depender, em larga medida, dos mecanismos de regulação narcísica susceptíveis de assegurar ou de manter o equilíbrio entre os investimentos do Eu e os investimentos de objecto.

### RÉSUMÉ

*S'appuyant d'une part sur l'analyse structurale du Narcissisme effectuée par G. Rosolato, d'autre part sur la notion de représentation de soi dégagée au Rorschach par N. Rausch de Traubenberg, ce travail vise à repérer au Rorschach les témoins de l'activité mentale narcissique considérée comme régulateur essentiel au service de la cohésion du Moi.*

*Une étude des diverses organisations psychopathologiques est proposée à partir de cette tentative en prenant ici pour exemple l'hystérie.*

## ABSTRACT

*Taking into account the structural analysis of Narcissism by G. Rosolato on one side, and the concept of self-representation in Rorschach worked out by N. Rausch de Traubenberg on the other side, this work aims at identifying, in Rorschach, the indicators of the narcissic mental activity considered as a main regulative property for the cohesiveness of the self. A study of some psychopathological structures is proposed, hysteria is given here as an example.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZIEU, D. (1974) — «Le Moi-peau», *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 9, 195-209.
- ANZIEU, D. — «L'enveloppe sonore du soi», *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 13, 161-179.
- BOIZOU, M. F., CHABERT, C. RAUSCH DE TRAUBENBERG, N. (1978) — «Représentation de soi identité, identification au Rorschach chez l'enfant et l'adulte», *Bulletin de Psychologie*, 32, n.° 339, 271-277.
- BRELET, F. (1981) — «A propos du narcissisme dans le TAT», *Psychologie Française*, 26 (1), 24-35.
- CORMAN, L. (1976) — «Défense du Moi par retrait narcissique, étude clinique», *Bulletin de la Société française du Rorschach et des méthodes projectives*, 29-30, 55-64.
- FREUD, S. (1967) — «Bruchstück einer Hysterie Analyse», 1905 G W V; Trad. franc. «Fragment d'une analyse d'hystérie (Dora)» in *Cinq Psychanalyses* 3.ª ed., PUF, Paris, pp. 1-91.
- FREUD, S. (1969) — «Zur Einführung des Narzissmus», 1914 G W X; Trad. franç. «Pour introduire le narcissisme», in *La vie sexuelle*, PUF, Paris, pp. 81-105.
- FREUD, S., BREUER, J. (1965) — «Studien über Hysterie», 1895, G W I; Trad. franç. *Etudes sur l'hystérie*, PUF, Paris, 256 pp.
- GRUNBERGER, B. (1982) — *Le narcissisme*, Petite Bibliothèque Payot, Paris.
- KHAN, M. M. (1974) — «La rancune de l'hystérique», *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 10, 151-158.
- KERNBERG, O. (1980) — «Diagnostic différentiel de la structure hystérique», in *La personnalité narcissique*, Privat, Toulouse, pp. 36-41.
- KERNBERG, O. (1976) — «Narcissisme normal et narcissisme pathologique», *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 13, pp. 180-203.
- LACAN, J. (1949) — «Le stade du miroir comme formateur de la fonction du "Je"» in *Revue Française de Psychanalyse*, 13 (4), pp. 449-455.
- PERRIER, F. (1968) — «Structure hystérique et dialogue analytique», *Confrontations psychiatriques*, n.° 1, pp. 101-117.
- RANK, O. (1973) — «Der Doppelgänger», 1914, in *Imago* III; trad. franç. «Le Double», in *Don Juan et son double*, Petite Bibliothèque Payot, Paris, pp. 7-115.
- RAUSCH DE TRAUBENBERG, N., BOIZOU, M. F. (1976) — «Les mécanismes de défense et leur expression Rorschach chez l'adulte et chez l'enfant», *Bulletin de la Société Française du Rorschach et des méthodes projectives*, pp. 29-30, 5-21.
- ROSENFELD, H. (1976) — «Les aspects agressifs du narcissisme» *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 13, pp. 205-221.
- ROSOLATO, G. (1978) — «Narcissisme», in *La relation d'inconnu*, Gallimard, Paris, pp. 143-176.
- ROSOLATO, G. (1978) — «L'axe narcissique des dépressions», in *La relation d'inconnu*, Gallimard, Paris, pp. 95-130.
- SCHAFER, R. (1948) — *The clinical application of psychological tests*, International Universities Press, INC, Nova Iorque, 346 pp.
- SCHAFER, R. (1954) — *Psychoanalytic interpretation in Rorschach testing*, Grune and Stratton, Nova Iorque, 446 pp.
- WIDLOCHER, D. (1978) — *Narcissisme normal et narcissisme pathologique*, policop. Université René Descartes, Institut de Psychologie, 41 pp.
- WINNICOTT, D. W. (1961) — «La théorie de la relation parent-nourrisson», *Revue Française de Psychanalyse*, 25, pp. 7-26.
- WINNICOTT, D. W. (1962) — «La première année de la vie», *Révue Française de Psychanalyse*, 2, pp. 477-490.
- WINNICOTT, D. W. (1975) — «Le rôle de miroir de la mère et de la famille dans le développement de l'enfant», in *Jeu et Réalité*, Gallimard, Paris, pp. 153-162.